

Darcy Ribeiro e a UnB

a universidade
necessária no
século XXI

Murilo Silva de Camargo
Mônica Celeida Rabelo Nogueira
Alexandre Simões Pilati
Esther Bemerguy de Albuquerque
(org.)



Universidade de Brasília

Reitora
Vice-Reitor

..... Márcia Abrahão Moura
..... Enrique Huelva

..... EDITORA



UnB

Diretora

..... Germana Henriques Pereira

Conselho editorial

..... Germana Henriques Pereira (Presidente)
..... Ana Flávia Magalhães Pinto
..... Andrey Rosenthal Schlee
..... César Lignelli
..... Fernando César Lima Leite
..... Gabriela Neves Delgado
..... Guilherme Sales Soares de Azevedo Melo
..... Liliane de Almeida Maia
..... Mônica Celeida Rabelo Nogueira
..... Roberto Brandão Cavalcanti
..... Sely Maria de Souza Costa

Darcy Ribeiro e a UnB

a universidade
necessária no
século XXI

Murilo Silva de Camargo
Mônica Celeida Rabelo Nogueira
Alexandre Simões Pilati
Esther Bemerguy de Albuquerque
(org.)

Coordenação de produção editorial : Equipe editorial
Marília Carolina de Moraes Florindo

Assistência editorial : Jade Luísa Martins Barbalho
Emilly Dias de Matos

Revisão : Ana Alethéa Osório

Diagramação : Wladimir de Andrade Oliveira

© 2022 Editora Universidade de Brasília

Editora Universidade de Brasília
Centro de Vivência, Bloco A – 2ª etapa, 1º andar
Campus Darcy Ribeiro, Asa Norte, Brasília/DF
CEP: 70910-900
Telefone: (61) 3107-3700
Site: www.editora.unb.br
E-mail: contatoeditora@unb.br

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte
desta publicação poderá ser armazenada
ou reproduzida por qualquer meio sem a
autorização por escrito da Editora.

Ficha catalográfica elaborada pela Biblioteca Central da Universidade de Brasília
Heloiza dos Santos – Bibliotecária – CRB 1/1913

D214 Darcy Ribeiro e a UnB : a universidade necessária no
século XXI / organizadores, Murilo Silva de Camargo
... [et al.]. – Brasília : Editora Universidade de
Brasília, 2022.
200 p. ; 23 cm.

ISBN 978-65-5846-120-3 (impresso).
ISBN 978-65-5846-114-2 (e-book).

1. Ribeiro, Darcy, 1922-1997. 2. Universidade de
Brasília. 3. Universidades e faculdades públicas. I.
Camargo, Murilo Silva de (org.).

CDU 378.4

 Associação Brasileira
das Editoras Universitárias

Sumário

Apresentação

- 9** | **Darcy Ribeiro e a UnB: a universidade necessária no século XXI**



Parte I

Os textos de autoria dos estudantes de graduação

- 23** | **Utopia e realidade: reflexões sobre os rumos da Universidade de Brasília**
Alexsandro de Sousa Bandeira
- 33** | **Universidade para quê? A universidade está sintonizada com o melhor do saber universal e com a sociedade brasileira?**
Cesar Rodrigues van der Laan
- 43** | **A criatividade para a realização da visão universitária de Darcy Ribeiro**
Cristiano Hoppe Navarro
- 51** | **Universidade de Brasília, universidade-utopia**
Júlia Guimarães Stoimenoff Brito
- 59** | **A UnB de Darcy Ribeiro: a aproximação entre o saber e as questões de uma realidade social**
Nicole Ferro Antunes de Oliveira
- 67** | **Darcy Ribeiro: sonhos interrompidos**
Victor Eduardo Alves Rocha



Parte II

Os textos de autoria dos estudantes de pós-graduação

- 81** | **A universidade sonhada por Darcy Ribeiro:** o papel da Biblioteca Central da UnB e da Editora UnB na busca pela utopia necessária
Ana Flávia Lucas de Faria Kama
- 91** | **O papel da universidade e o contexto da pandemia:** um ensaio à luz dos ensinamentos de Darcy Ribeiro
Andressa Soares Costa
- 105** | **“A universidade necessária”:** saber humanizado e responsabilidade social
Clerismar Aparecido Longo
- 123** | **Vozes da resistência:** Darcy Ribeiro e a UnB no debate contemporâneo
Inês Ulhôa
- 137** | **Indo para a Universidade de Darcy:** educação e liberdade para pensar a partir do Brasil
Kennia Dias Lino
- 145** | **A universidade pública, gratuita, de qualidade e inclusiva para todos:** a luta dos povos indígenas para sua inclusão nas universidades públicas
Luciana Beatriz de Araújo Colombo



- 159 | Universidade para quê e para quem?**
Darcy Ribeiro, Lyra Filho e a UnB no processo de pluralização do ensino superior no Brasil
Marcos Júlio Vieira dos Santos
- 169 | Universidade para mudar gente que muda o mundo: uma autoetnografia para ler a política educacional no Brasil**
Rayane Andrade
- 187 | Darcy Ribeiro e a crítica que não envelhece**
Thaís Coelho Mariano



Darcy Ribeiro e
Oscar Niemeyer
visitam a UnB (1985)

Fonte: Universidade de Brasília.
Arquivo Central. AtoM UnB





Parte I

Os textos de autoria dos estudantes de graduação



Foto aérea do
ICC – Ala Sul

Fonte: ME/Portal da Copa/Março
de 2014/Tomás Faquini



A criatividade para a realização da visão universitária de Darcy Ribeiro

Cristiano Hoppe Navarro

Em 16 de agosto de 1985, no auditório Dois Candangos, localizado na Faculdade de Educação da Universidade de Brasília, durante a cerimônia de posse de Cristovam Buarque, primeiro reitor eleito pela comunidade universitária, Darcy Ribeiro lançava um desafio aos presentes: “Universidade de Brasília, para quê? Universidade de Brasília, para quem?”. Fundador, idealizador e seu primeiro reitor, recordando-se emocionalmente de tantas e tantas pessoas – vivas ou não – que haviam sonhado também o sonho da UnB, sonho este que havia durado poucos anos após a inauguração em 21 de abril de 1962 e até a intervenção que se seguiu da ditadura militar, vislumbrava agora o renascimento da possibilidade da universidade de utopia, a “universidade necessária”.

“A utopia está lá no horizonte. Me aproximo dois passos, ela se afasta dois passos. Caminho dez passos e o horizonte corre dez passos. Por mais que eu caminhe, jamais alcançarei. Para que serve a utopia? Serve para isso: para que eu não deixe de caminhar”, afirmou o escritor uruguaio Eduardo Galeano, tão entusiasta da América Latina como campo semântico-geográfico quanto Darcy Ribeiro.

Consciente do caráter inalcançável do utópico, da “distância que separa as abstrações das coisas”, ainda assim o brasileiro sublinhou sua importância para que se pudesse percorrer um caminho, para que se germinasse a “universidade-mente”. Para quê? Para quem? “Só os realmente capazes de encarnar os interesses da maioria da população e de defender a qualquer custo o desenvolvimento nacional autônomo podem modelar uma universidade nova capacitada a atuar como uma agência de aceleração evolutiva da sociedade” (Ribeiro, 1969, p. 212).

Para o sociólogo, nenhuma universidade digna do nome poderia abster-se de três princípios básicos. O primeiro deles é o respeito aos padrões internacionais do saber. Um segundo, inalienável, é a busca de soluções aos problemas nacionais. “Os latino-americanos deixam que sua própria realidade seja o laboratório de trabalho criador de pesquisadores estrangeiros”: em contraface, é preciso que os brasileiros tomem para si a tarefa de solucionar os entraves do próprio Brasil. O terceiro princípio, afinal, é a liberdade de manifestação do pensamento e da defesa de ideias.

É essa caminhada que a UnB continua trilhando até os dias atuais. Defender-se-á aqui que a conjunção das, primeiro, situações concretas e dos rumos para os quais está apontando a sociedade brasileira e global, com, segundo, as visões e princípios de universidade encampados por Darcy Ribeiro, pode ser encarnada idealmente pelo desenvolvimento de um conceito guarda-chuva: a criatividade. É pelo seu cultivo que a caminhada nos levará mais longe na utopia, consistindo de fato em uma heterotopia, um lugar de alteridade como o entende Michel Foucault, do qual é exemplo o próprio soerguimento de Brasília profetizado por Dom Bosco entre os paralelos 15 a 20 do hemisfério sul.

Já nos anos 1960, a visão do ex-ministro da Educação incluía dentre as funções capitais de *A universidade necessária*, em trecho atualíssimo:

A função criativa de dominar e ampliar o patrimônio humano do saber e das artes em todas as suas formas, seja como condição indispensável ao exercício da docência, seja como objetivo essencial em si mesmo. Mediante o exercício desta função, a universidade incorpora à sociedade a que serve todo o esforço de interpretação da experiência humana. E lhe agrega as expressões de criatividade cultural de seu povo, para capacitá-la a realizar suas potencialidades de progresso e, dessa maneira, integrar-se, como uma nação autônoma, à civilização de seu tempo (Ribeiro, 1969, p. 74).

Pesquisadores da UnB calcularam: até 2026, 54% dos empregos formais no Brasil serão substituídos por robôs e *softwares*. Os resultados podem ser distópicos, com desemprego em massa, ou utópicos, fornecendo às pessoas uma grande ampliação do tempo livre para se dedicarem ao que é intrínseca e essencialmente humano. Seja no cenário do “desemprego tecnológico” ou da “abundância universal”, as capacidades criadoras são a resposta: são as tarefas criativas as que não podem ser reproduzidas pela inteligência artificial e, ao mesmo tempo, as mais plenas de satisfação e alegria. Ambos os cenários devem ser contemplados pela universidade, já que seu duplo objetivo é atender “seu próprio desenvolvimento como centro cultural” e, ao mesmo tempo, preparar “a força de trabalho qualificada exigida pela sociedade nacional”, que hoje perpassa mais e mais por aspectos criativos.

“Ou nós comemos e dominamos o saber moderno, ou vamos ser recolonizados”, afirmou Darcy em entrevista ao programa Roda Viva. É a Universidade o palco vocacionado para o máximo desenvolvimento criativo dos indivíduos e da sociedade, sempre relacionado à *diferença*, à *mudança* e à *transformação*. “As universidades que se antecipam, na medida do possível, às transformações sociais podem converter-se em instrumento de superação do atraso nacional”.

Liberdade e autonomia; inovação; diversidade; transdisciplinaridade, integração e generalismo; combate ao isolamento e à burocracia; cogoverno entre docentes e estudantes; ensino integral; questionamento sem dogmatismos; e flexibilidade com objetivos: explícita ou implicitamente abordadas por Darcy Ribeiro, são todas proposições que se relacionam com a criatividade. Foi com seu mentor e também pai fundador da UnB, Anísio Teixeira, que o antropólogo compreendeu: “O único compromisso que se pode ter em matéria de ideias é com a verdade. Toda ideia é provisória, toda ideia tem que ser posta em causa, questionada. Tudo é discutível, sobretudo numa universidade” (Ribeiro, 1986, p. 2).

A estrutura tripartida de universidade proposta em *A universidade necessária*, modelo para a Universidade de Brasília, considerava uma trajetória multilinear composta de institutos centrais (campos de formação básica: Matemática, Física, Química, Geociências, Biologia, Ciências Humanas, Letras e Artes), faculdades profissionais (áreas aplicadas: Ciências Médicas, Ciências Agrárias, Engenharias, Ciências Jurídicas e Sociais, Arquitetura e Desenho, e Educação) e órgãos complementares (Teledifusão, Museu, Biblioteca Central, Editora e Estádio). Atualmente, foram modificadas algumas e criadas outras dessas unidades, compondo um total de 12 institutos, sete órgãos complementares e 14 Faculdades, incluindo os três *campi* localizados em Ceilândia, Gama e Planaltina.

Tal organização postergava a definição da carreira, e propiciava o convívio entre estudantes de diversas inclinações vocacionais, seja nas disciplinas básicas cursadas nos institutos centrais ou nas atividades complementares da experiência universitária em um *campus* arquitetonicamente conectado, como o é hoje o *campus* Darcy Ribeiro em seus quase quatro milhões de metros quadrados.

Em uma eleição recente para o Diretório Central dos Estudantes Honestino Guimarães da UnB, uma das chapas propunha uma visão comunitária de “UniverCidade”, enquanto outra propalava: “O universo é maior do que a cidade”. Pois bem: a Universidade de Brasília, tal como imaginada por seus pais fundadores, detém igualmente essas duas características. É universo, porque possibilita o cultivo na totalidade dos campos do saber, de forma integrada, diferentemente do isolamento das escolas autárquicas que predominavam na época coetânea de sua fundação. É cidade, porque permite a convivência dos seus mais de 50 mil membros, pelo menos em tempos de ensino presencial.

Indigenista, Darcy Ribeiro valorizava a miscigenação de índios, negros e europeus como uma força constitutiva da sociedade brasileira. Primeira universidade federal do país a adotar cotas raciais como critério para ingresso na graduação, a UnB congrega hoje diversas origens dentro e fora do Brasil. É essa diversidade étnica e de estilos de pensamento, com a devida integração, que assegura a transdisciplinaridade, relacionada ao que está ao mesmo tempo *entre*, *através* e *além* de qualquer disciplina. A ampliação da matéria-prima para as ideias, bem como o estudo em áreas mais periféricas e na fronteira de conhecimento em um domínio, são capazes de potencializar a criatividade.

Vista ora como autoexpressão estética, ora como resolução racional de problemas (muitos deles nos dias atuais, como a mudança climática, de natureza global e indubitavelmente transdisciplinar), a criatividade se beneficia da superposição dos mundos da arte e da ciência. *Prima facie*, a Universidade poderia ser essa Pasárgada da criatividade – mas no meio do caminho da utopia tinha uma pedra.

Colhendo os benefícios do modelo tripartido integrador em detrimento das escolas autárquicas isoladas, a UnB, contudo, observou também os prejuízos da “burocracia” proveniente da sua escala e compartimentalização. Atravancando a ação, embotando a inteligência e forçando à repetição mecânica, a burocracia nos torna burros. Nada mais distante do poder criativo que o sistema judiciário monumental, labiríntico, absurdo, hierárquico, hermético e claustrofóbico com que nos deparamos em *O processo*, de Franz Kafka – analogia possível em muitos momentos de quem vive cotidianamente a Universidade.

Uma carga está no caráter burocrático da maioria das universidades latino-americanas, que não passam de repartições públicas. Nelas, frequentemente, órgãos administrativos imbuídos de mentalidade burocrática exercem verdadeira ditadura sobre os setores consagrados à docência e à investigação – contestando razões científicas e acadêmicas com o “peso” de razões legais e contábeis (Ribeiro, 1969, p. 67-68).

Talvez seja esse o maior desafio da planificação como política de desenvolvimento da universidade. Ao conhecer sistemas universitários em todo o mundo, inclusive nos anos de exílio em que participou de reformas em universidades de vários países da América Latina, Darcy Ribeiro contrapôs os modelos estruturais universitários. O napoleônico francês, o alemão e o soviético eram planejados e intencionais, agências propositais de integração nacional e mobilização cívica. Enquanto isso, o inglês e o norte-americano eram mais flexíveis e espontâneos. Para superação do atraso nacional, Darcy Ribeiro elencou aspectos negativos e positivos da planificação com base nessas experiências, com veredito final favorável à intencionalidade lúcida na direção dos rumos da Universidade.

A tradição universitária anterior seria substituída, nesse processo transformativo (*de implementação da reforma napoleônica*), por uma burocracia racional, seletiva e impessoal, com seus defeitos de rotina e formalismo que tornaram cada vez mais difícil manter e incentivar a criatividade cultural. [...] A grande lição da experiência soviética e, ainda mais, da China, é que uma planificação politicamente conduzida permite elevar em poucas décadas o nível de ensino e de investigação, do atraso mais profundo aos mais altos índices, preenchendo assim os requisitos culturais indispensáveis ao desenvolvimento autônomo (Ribeiro, 1969, p. 41; 64).

Com o intuito de evitar a cristalização de burocracias que impedissem o livre trânsito de ideias e sua concretização, seria – e é – necessário flexibilidade com objetivos. Um norte para a superação dos problemas brasileiros por meio do instrumento da Universidade, em um esforço deliberado para vencer o atraso, como Darcy considerava ter realizado a universidade japonesa, e que pudesse ser encarado de uma variedade de formas, como são variados os caminhos possíveis do estudante no currículo tripartido.

À burocracia contrapõe-se a liberdade. No modelo alemão, os estudantes podiam organizar seus planos de estudo e transitar entre universidades. No norte-americano, “a ausência de burocracia no magistério superior e a consequente falta de segurança e garantias em que se encontra o professor”, estimulava a competição pelos melhores professores. No Brasil, o modelo tripartite pioneiramente adotado pela Universidade de Brasília proporcionou a construção livre de um itinerário formativo pelo estudante, incluindo as disciplinas optativas e eletivas (antigamente denominadas “módulo livre”).

No décimo quinto ponto dos Princípios Reitores da Nova Reforma, Darcy Ribeiro defendeu a existência na universidade de centros de experimentação educacional, destinados à “experimentação de novos procedimentos para melhorar os métodos e níveis de ensino”. Talvez já anteviesse a terceira década do século XXI, em que cada vez mais a “educação bancária” – termo utilizado por Paulo Freire em referência às aulas expositivas hierarquizadas em que o professor considerava o aluno como um banco, no qual depositava o conhecimento – está obsoleta. Metodologias ativas de aprendizagem, dotadas de colaboração e gamificação, bem como o ensino híbrido e a personalização do ensino com base em TIC (Tecnologias da Informação e Comunicação), são inescapáveis e promotores do diapasão da criatividade.

Trata-se, portanto, de conceito que se configura como mola propulsora para a realização da missão da Universidade de Brasília, seja em um recém-inaugurado auditório Dois Candangos, em abril de 1962, de volta à ele na renascida universidade em agosto de 1985, seja em uma nova retomada, das aulas presenciais, após sua interrupção devido à pandemia em março de 2020.

Querem um exemplo? Eu sei fazer odontólogos e matemáticos, por exemplo, em qualquer quantidade. Quantos advogados ou psicólogos vocês querem: 14 mil? 17 mil? Médicos, vocês querem 20 ou 40 mil? Engenheiros, 30 ou 100 mil? Eu os formo todos. Deem-me uns poucos anos e os formo bem formados. Agora, me peçam um Oscar Niemeyer e eu não formo nenhum. Peçam um Aleijadinho, e eu não formo nenhum. Peçam um Villa-Lobos e eu não formo nenhum. Essa é, entretanto, a nossa responsabilidade, a que somo outra, ainda maior: a de criar aqui uma cidade autêntica, singular e criativa como Ouro Preto, Bahia, Rio. Isto é o que Brasília há de ser. Como? Como negar, porém, que esta é a missão da UnB? Mas como ajudar a florescer aqui um centro cultural autônomo e

criativo? Tentamos contribuir para isso, criando no nosso *campus* um ambiente propício. Foi com esse objetivo que demos casas a artistas que aqui vieram viver, para pintar ou ensinar a pintar, se quisessem; para fazer gravuras ou ensinar gravuras, se quisessem; para fazer música e ensinar a apreciar música, se lhes aprouvesse; mas, essencialmente, para conviver conosco, para ajudar a compor uma comunidade universitária, enriquecida por gente criativa em todos os planos. (Ribeiro, 1985, p. 16)

É a criatividade que distingue os luminares supracitados dos profissionais “bem formados”, mas que somente repetem métodos e técnicas que passaram pelo crivo dos tempos. Sem prejuízo ao importante papel de produção “em cada indivíduo singular, da humanidade que é produzida histórica e coletivamente pelo conjunto dos homens e mulheres”, como diria Dermeval Saviani, é a criatividade que promoveu, promove e promoverá o florescimento de uma cultura singular em Brasília e, especialmente, na Universidade de Brasília.

Para atender às pressões disruptivas da contemporaneidade e, ao mesmo tempo, cumprir a missão a que se propõe a Universidade de Brasília, é preciso que a práxis convencionalmente observada no ensino, na pesquisa e na extensão seja banhada no oceano da criatividade. Uma possibilidade que este ensaio brevemente sugerirá é a inclusão no currículo da integralidade dos estudantes de uma, assim chamada, disciplina, embora marcada totalmente pela transdisciplinaridade e transversalidade, com ênfase na educação criativa teórica e prática. *Transdisciplina* talvez fosse um termo mais apropriado para designar o conjunto de encontros voltados ao duplo objetivo de compreender e praticar a criatividade.

Resumidamente, a transdisciplina é composta de 60 horas, com cada um de 15 encontros composto de uma metade inicial de palestras (sempre que possível, com convidados) e uma segunda metade de atividades práticas. Na parte expositiva-investigativa, os temas abordados iniciam com formação em psicologia da criatividade, passando pelos aspectos educacionais e sociais do fomento à criatividade, para seguir com uma ampla gama de tópicos em criatividade aplicada, das ciências às artes, em inteligências múltiplas.

Esse paradigma, idealizado por Howard Gardner, também apoia as oficinas práticas, que cobrem todas as inteligências/criatividades (linguística, lógica, espacial, corporal, musical, naturalista, inter e intrapessoal) na sua diversidade, e se baseiam em princípios comprovadamente favoráveis à criação. O pressuposto

aparentemente iniludível de Dean Simonton justifica a prática maciça e diversificada: quanto mais se cria, maior é a chance de um sucesso criativo. Temas abordados tanto na parte teórica como na prática podem incluir escrita criativa, programação e engenharias, esporte e dança, oratória, tecnologias disruptivas, cinema e artes cênicas, cultura *maker*, música, artes visuais e muitos outros.

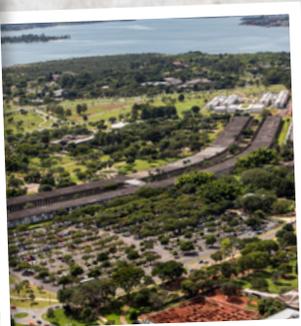
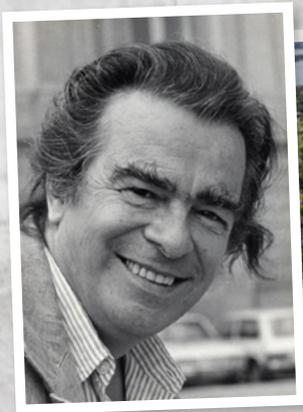
Dada a importância sociocultural e político-econômica crescente da criatividade, e o modelo tripartido de universidade idealizado por Darcy Ribeiro, talvez seja o caso de inaugurar o Instituto Central de Criatividade, ao lado dos demais institutos que organizam a formação básica dos alunos, reconhecendo-se assim a centralidade das competências criativas à totalidade dos estudantes. O Instituto de Criatividade, além de prover turmas em número suficiente para todos alunos cursarem a transdisciplina de *Teoria e prática da Criatividade*, também forneceria meios e suporte procurando viabilizar a concretização das ideias e invenções mais criativas idealizadas pelos estudantes, organizando concursos, festivais, mostras, debates, colóquios, *hackathons* e sessões de *brainstorming*.

Assim, o Instituto de Criatividade possibilitaria um ensino, pesquisa e extensão *sobre, com e para* criatividade, no qual se compreendesse seu funcionamento, desde as teorias mais amplas como a psicologia cultural aos avanços mais recentes na neurociência; no qual as próprias atividades desempenhadas pelos professores fossem imbuídas de criatividade; e, afinal, em que fosse possível desenvolver a habilidade criadora dos estudantes. Continuaríamos assim o legado criativo de Darcy Ribeiro, que em um ato de criatividade inigualável, projetou um novo tipo de universidade, criando a Universidade de Brasília.

Referências

- RIBEIRO, Darcy. *A universidade necessária*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1969.
- RIBEIRO, Darcy. *Universidade para quê?* Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1986.

Este livro foi composto em UnB Pro e Liberation Serif.



Darcy Ribeiro e a UnB

a universidade necessária no século XXI



Este livro é uma homenagem à Universidade de Brasília, que em 2022 completa 60 anos, e a Darcy Ribeiro, um de seus mais importantes idealizadores e fundadores, que faria cem anos. Quinze ensaios escritos por estudantes da UnB sobre Darcy Ribeiro e a universidade necessária compõem este volume, que é resultado de edital conjunto da UnB e do Conselho Editorial do Senado (Cedit).

Os textos desta coletânea projetam as vozes de estudantes, em um exercício que investiga os efeitos do pensamento e da ação de Darcy Ribeiro na jornada da Universidade de Brasília, as transformações pelas quais ela passou e aquelas que promoveu. Que vozes poderiam ser mais lúcidas que essas para colocar em perspectiva a história da Universidade? São vozes plurais que reiteram, de forma uníssona, o compromisso da UnB com a construção de soluções para os desafios do país e do mundo – fossem os passados, sejam os presentes. A despeito das diversas tentativas de cerceamento da ação emancipadora desta Universidade, afirmam os estudantes: a UnB alcança os seus 60 anos atuante como sempre, necessária como nunca.



UnB | DEX

